



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

CURIOSIDADES VISTAS

Pelo ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTAÑE

Não me esqueço que prometi contar-lhes, quando vim aqui, substituir outra pessoa, colaboradora do «Pim-Pam-Pum», coisas extraordinárias que vi nos países longínquos onde pouca gente tem chegado.

Uma delas, que aqui vou deixar narrada, é natural que desperte grande interesse aos meus queridos leitorzinhos.

Trata-se da maneira como vivem certos habitantes das margens dos mares árticos.

A vida ali é muito difícil, não se vê senão gelo e mais nada.

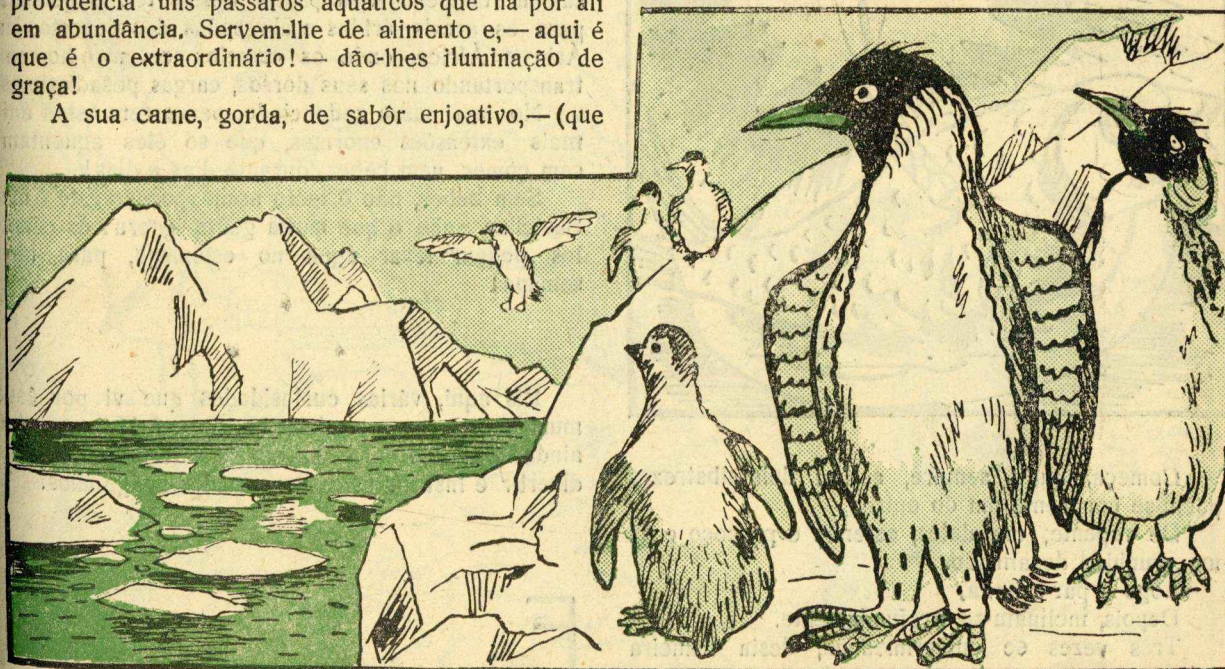
Para aquela pobre gente são uma verdadeira providência uns pássaros aquáticos que há por ali em abundância. Servem-lhe de alimento e, — aqui é que é o extraordinário! — dão-lhes iluminação de graça!

A sua carne, gorda, de sabôr enjoativo, — (que

faria vomitar aos meus amiguinhos e a este Anão que só mete na barriguinha coisas tão delicadas) — é para os habitantes das regiões polares, um alimento são e fortificante, uma espécie de combustível nutritivo, que lhes dá saúde e calor!

O corpo destas aves é um reservatório de óleo, de tal maneira abundante, que basta atravessá-lo com uma mécha, para se obter uma lâmpada de chama brilhante que o vento mais forte, não consegue apagar!

Um pássaro chamado *petrel* é o mais empregado, para a iluminação destas terras, tanto ao ar livre como no interior das cabanas.



Nas ilhotas, ao sul de Alaska, — território a Noroeste da América, — os indígenas empregam também para o mesmo fim, um peixinho parecido com o arenque que até tem o nome de Peixe-Candeia!

Uma mécha, metida pela sua carne gorda e transparente, como a banha de porco, dá uma luz muito brilhante que só dura uns vinte minutos.

Mas os que ali habitam, não se importam com isso, pois que os tais peixes abundam nos mares gelados e os indígenas acendem, sem parar, tantas dessas estranhas candeias quantas são precisas, sem receio que o fornecimento acabe!

Estas lâmpadas e estas candeias deitam muita fumarada e aqui, nos países civilizados, fariam uma tritíssima figura para iluminação das ruas e dos interiores das casas.

Os meus meninos, habituados à deslumbrante electricidade, certamente achariam péssimo o que para os habitantes das trevas é como estrélas, através da bruma das longas noites polares.

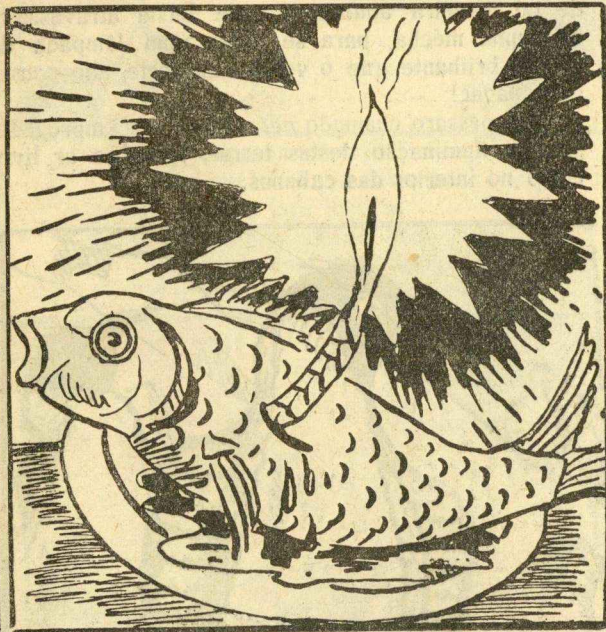
*

* *

Também por essas parágens, existem uns passarões, chamados albatrozes que têm penas brancas e pés pretos.

Quando, em grandes bandos, pousam em terra, parecem, de longe, tapêtes de neve.

Estas aves usam, entre elas, uma cerimónia estranha e divertida.



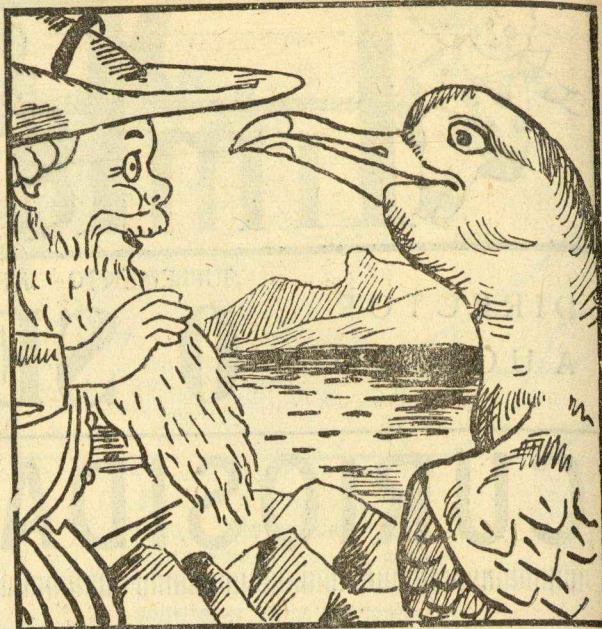
Começa, quasi sempre, assim: dois albatrozes põem-se em frente um do outro.

De repente, um deles, estende o pescoço e dá um grunhido desafinado.

Logo o par o imita.

Depois, inclinam-se, profundamente.

Três vezes se cumprimentam, desta maneira solene.



Em seguida, cruzam os bicos muito depressa, e, nuns movimentos rápidos, com as cabeças, fazem uma espécie de esgrima, tendo sempre as mandíbulas fechadas.

Como sou, assim, pequenino, lembrei-me de me colocar, uma vez, em frente dum destes bicharocos, para vêr se êle me tomava por algum dos companheiros e me cumprimentava com o mesmo cerimonia.

Mas o passarão olhou-me desconfiado, bateu-me com o bico, como querendo castigar-me e, cheio de desdém e dignidade ofendida, fugiu para longe de mim!

Agora, para finalizar, ainda aqui deixarei dito, hoje, mais uma cousa curiosa, que aprendi nas minhas viagens e muito gosto tenho que os meus meninos saibam também. Vou passar destas terras geladas, para os areais áridos e abrasados dos desertos da Ásia e África, onde os camelos servem o homem, transportando nos seus dorsos, cargas pesadíssimas.

No seu passo cadenciado, percorrem estes animais extensões enormes, que só êles aguentam, sem comer, nem beber, durante dias e dias!

Sem beber, não é tanto assim, porque êste Anão Sabichão sabe o que muita gente ignora: os camelos podem levar água no estômago, para uma semana!

*

* *

Eis aqui, várias curiosidades que vi por êsse mundo fora, mas a minha bagagem é inesgotável e ainda lá guardo mil e mil cousas interessantes, para divertir e instruir os meus queridos amiguinhos.

F I M

HA' BRUXAS NO GALINHEIRO...

Por MARIA DE ALÉM-MAR

— «O' minha Senhora, é preciso defumar o galinheiro com alecrim, de mistura com folhas de eucalipto e alfazema, para afugentar dali o bruxedo.

Todos os dias conto as galinhas que estão para pôr ovo, e quando vou por eles não os encontro! Exclamava aflita a criada.

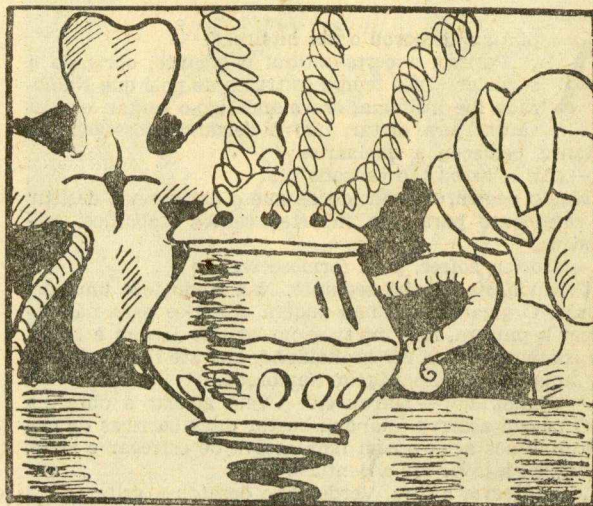
— «E' preciso estares atenta a vêr quem os tira do galinheiro; muitas vezes são as próprias galinhas que os comem; mas as cascas?!»

De nada valeram à velha Emília, nem as rezas nem o queimar inofensivas ervas; a não ser a delícia de se aspirar o suave perfume que se espalhava pelo ambiente. Só o tempo, caminhando sobre o silêncio, permitiu que a luz da verdade se introduzisse bem na alma ingénua da Emília!

Há muito que D. Maria da Graça andava preocupada com a falta de apetite do seu pequenino Manuel, nove anos robustos, que aparentavam doze.

Levaram-no ao médico contra vontade do pai que protestou: «Quem tem, assim, um olhar brilhante, as faces vivamente coloridas, os pulsos e as pernas de atleta não pode nunca estar doente. Nas refeições come mais do que eu, e lá porque o menino deixa ficar parte do meio litro de leite à hora do lanche, está doente? Não deixa, não, ficar a marmelada e os bolos... A falta de apetite que lhe noto nitidamente, e que precisa ser fortemente combatida, é a do estudo; torna-se urgente aplicar-lhe fortes tónicos e «cataplasmas de açoites» num certo sítio para que a doença se não torne crónica. E qual foi a opinião do médico?»

— Depois de o ter observado minuciosamente, disse que tinha uns belíssimos pulmões, respirava optimamente, e,



para me tirar tôda a dúvida, acrescentou, rindo-se com vontade, que o aconselhava a disputar qualquer campeonato de box; era uma tolice o facto de eu pensar em doença num exemplar como êle!

Manuel olhava de soslaio o pai com um sorriso côr de gema.

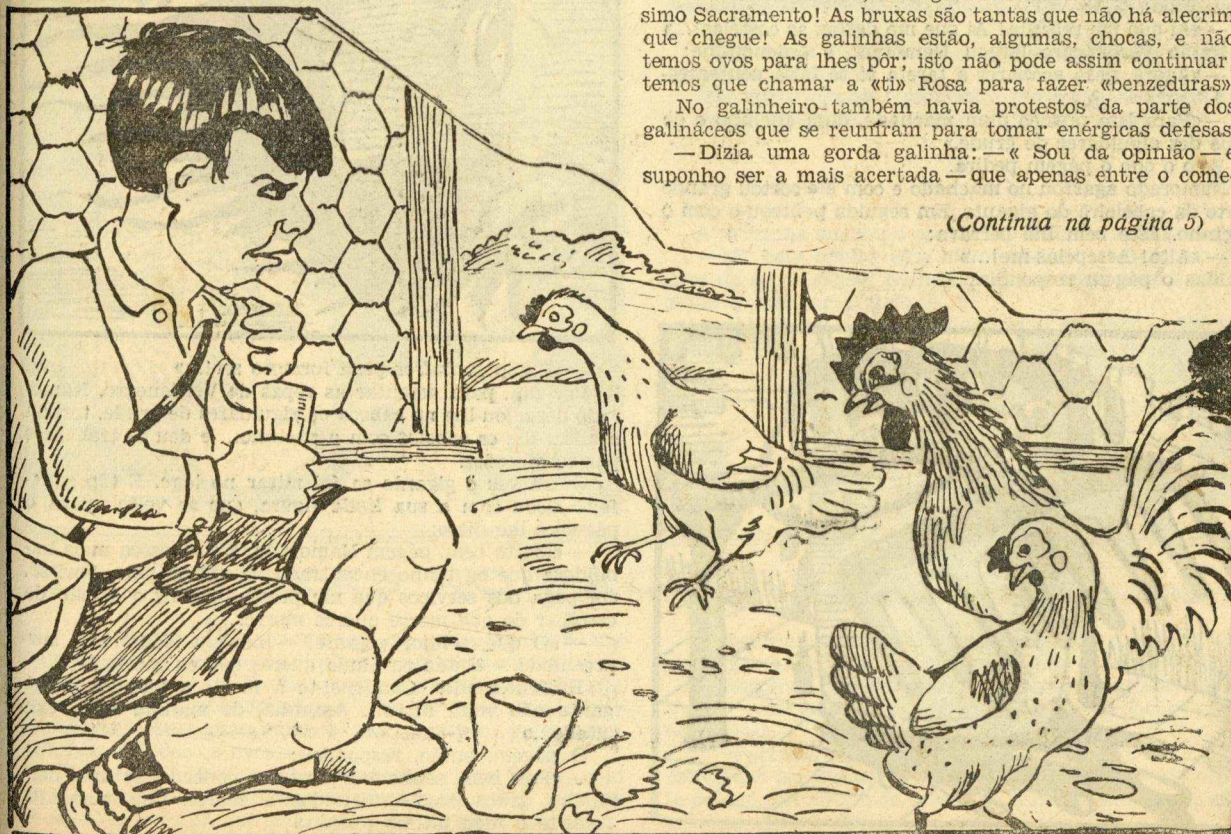
Passados tempos, novas exclamações da pobre Emília:

— «Minha senhora, a Virgem nos valha mais o Santíssimo Sacramento! As bruxas são tantas que não há alecrim que chegue! As galinhas estão, algumas, chocas, e não temos ovos para lhes pôr; isto não pode assim continuar; temos que chamar a «ti» Rosa para fazer «benzeduras».

No galinheiro-também havia protestos da parte dos galináceos que se reuniram para tomar enérgicas defesas.

— Dizia uma gorda galinha: — «Sou da opinião — e suponho ser a mais acertada — que apenas entre o come-

(Continua na página 5)



O GIGANTE VERDENEGRO

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

(Continuado do número anterior)

A pintura demorou o dia inteiro. Porisso, a certa altura, o gigante, obrigado a suportar tanto tempo os tratos de polé que Namorado lhe infligia, ora mandando-o sentar, ora levantar, ora deitar, não o deixando sossegar um instante, começou a queixar-se:

— «Ai!... Estou tão cansado!...»

Mas o págem, convencido de que o obrigaria a desistir do casamento para não suportar tantos trabalhos, respondeu:

— «Sofrer, sofrer, para formoso ser!...»

Contudo, na manhã seguinte, Namorado teve uma delusão. O gigante, que não pudera deitar-se para não estragar a pintura, fôra mirar-se no lago do jardim e ficara tão contente por se ver branquinho, que até lhe apetecera dar uma beijoca no págem Namorado.

— «Namorado! — berrou éle —. Vem acabar a obra!...»

O págem acorreu. Mandou buscar duas barricas de cal, misturou-lhes água e com uma escova de esfregar o chão, principiou a lavar-lhe a dentuça.

Mas, a certa altura, Verdenegro desatou a gritar:

— «Alto!... Alto!... Queimas-me as gengivas!...»

— «Então, senhor gigante — respondeu o págem —. Sofrer para formoso ser!...»

E tanto esfregou, tanta força empregou, que conseguiu tornar brancos os dentes verdes do gigante.

Este foi novamente mirar-se no lago e ao ver o belo resultado de tão grande trabalho, agarrou em Namorado e apertou-o contra o peito, num abraço de reconhecimento. Mas o págem é que não gostou nada da brincadeira e gritou espavorido:

— «Ai que me rebenta! Ai que me desfaz as costelas!...»

Então Verdenegro largou Namorado e ordenou-lhe:

— «Agora, para acabares a tarefa só te falta penteares-me.»

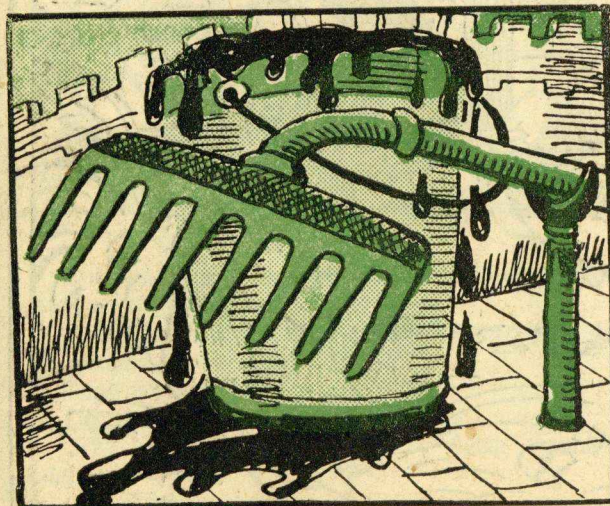
— «Para isso preciso dum machado, dum ancinho e de mais dez alguidares de grude.»

Veio o que o págem pedira.

Namorado agarrou no machado e com éle cortou grande parte da cabeleira do gigante. Em seguida penteou-o com o ancinho. Este bem lhe berrava:

— «Alto! Arrepelas-me!...»

Mas o págem respondia:



— «Então!... Sofrer para formoso ser!...»

Por fim, para assentar as repas de Verdenegro, Namorado despejou-lhe na cabeça os alguidares de grude, tornou a alisar-lhe os cabelos com o ancinho... e deu os trabalhos por terminados.

Outra vez o gigante se foi mirar no lago. E tão satisfeito ficou com a sua linda figura, que se voltou para o págem e lhe disse:

— «Muito bem, págem Namorado. E's a pessoa mais habilidosa que eu tenho encontrado na minha vida. Porisso, em paga dos serviços que me prestaste, tens o direito de escolher de que morte queres morrer...»

— «O quê, senhor gigante? — indagou Namorado, surpreendido. — Então tu ainda queres que eu môrra?...»

Evidentemente. Condenei-te à morte e palavra de gigante não volta atrás... Amanhã, de manhã, serás executado...»

O págem, então, respondeu:

— «Pois bem, senhor! E' costume conceder-se uma derradeira graça aos condenados à morte. Vou, portanto, fazer-te o meu último pedido.»

— Dize lá!...»

— «Há tempos apostei com a princesa Rosiclér em como tu, senhor gigante não serias capaz de dar um salto daqui, da Montanha Azul, para acolá, para a Montanha de Pedra... Ela dizia que sim, eu dizia que não. Ora eu, antes de morrer, queria ganhar ou perder a aposta...»

— «Oh, mísero e inferior verme!... Tu atreves-te a duvidar da minha agilidade? Pois está concedida a graça que me pedes... Quero mostrar-te que sou tão ágil quanto poderoso!... Monta no teu cavalo e corre a avisar a corte de que amanhã, ao romper da aurora, assistirão ao mais extraordinário espectáculo de todos os tempos: um salto da Montanha Azul para a Montanha de Pedra!...»

Ora entre estas duas montanhas, que ficavam a enorme distância uma da outra, estendia-se o mar.

Mas Verdenegro, estúpido e vaidoso, nem mesmo notou a impossibilidade de cumprir a sua promessa.

A hora marcada, o rei, a princesa e toda a corte, em soberbos cavalos, ricamente ajaezados, chegavam ao palácio do gigante. Este, todo inchado, dirigiu-se logo à princesa, ajoelhou, beijou-lhe a mão e disse:

— «Linda princesa: por vosso amor me transformei... por vosso amor eu saltarei...»

Endireitou-se e gritou:

«Lá vou eu por esta vez!...

Um!

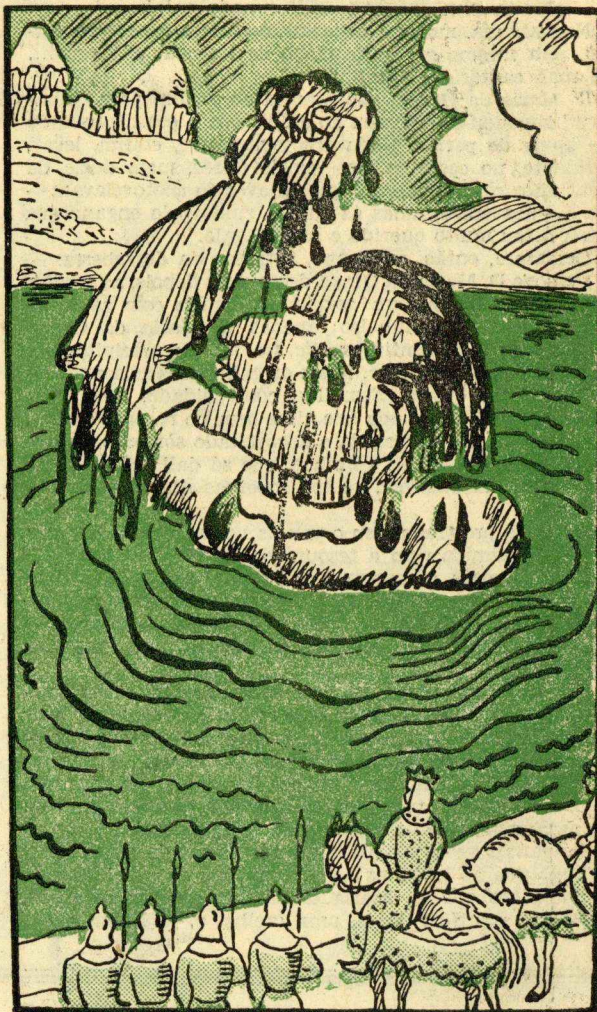
Dois!

Três!

E, formando o pulo... foi cair dentro do mar... Como era pesadíssimo, enterraram-se-lhe as pernas no lodo... e nunca mais de lá pôde sair.

Porisso, pouco tempo depois, o rei para premiar a corá-gem e o amor do págem Namorado pela princezinha, concedia-lhe a mão desta.

O casamento realizou-se com grande pompa.



Mas nunca mais o págem nem a princesa puderam atravessar o mar!...

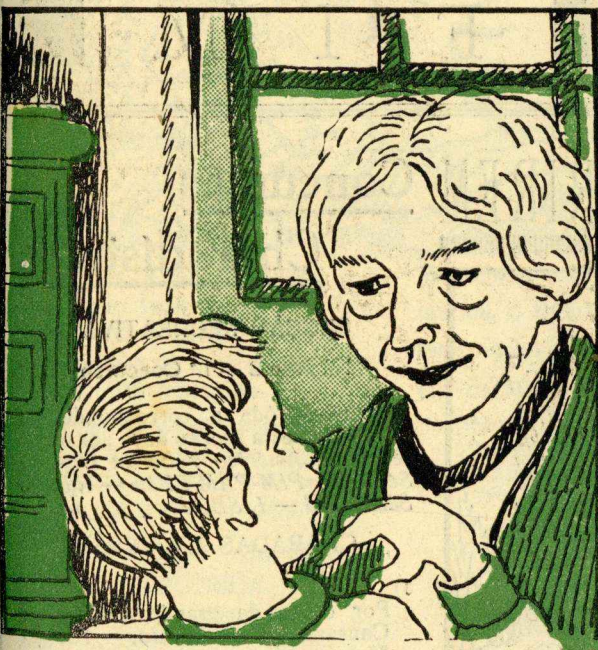
Não que o gigante Verdenegro jurou que, se algum deles a isso se atrevesse... desapareceria para sempre...

* * *

A avózinha acabou o conto. E o Zêzinho comentou:

— «E' bem bonita essa história!... Eu cá também gostava de ser o págem Namorado, para casar com a princezinha e castigar o gigante...»

— «Ai, ai, ai!... — respondeu a avó sorrindo — Estamos bonitos, seu valentão!... Cresça e apareça, ouviu?»



■ F I M ■

HA' BRUXAS NO GALINHEIRO — (Continuado da página 3)

dor dos nossos ovos, cantemos em côro, ajudando-nos também o galo com o seu lindo có-có-ró-có. Assim, chamaremos a atenção da Emília, porque, preocupada com afazeres, deixa-nos abandonadas à hora do perigo. Queremos criar os nossos pintainhos e não podemos, porque nos consomem todos os ovos!»

Cacareja a Branquinha: — «Assim como assim, não nos devemos preocupar que sejam uns ou outros que nos comam os ovos, já que para isso nos destinou a sorte!»

— Retorquiu a Pedrés: — «Bem ouviste a patrão dizer que eramos nós próprias que comiamos os ovos...»

— Respinga a Pretinha: — «Devemos protestar. Dou o meu voto pelo que disse a nossa amiga; acho o mais acertado!»

— «Faremos isso, queridas — (disse o galo) — enquanto estiverdes em «trabalhos difíceis» eu ponho-me de espreita e, logo que sintamos passos do inimigo, dou um brado e começaremos o côro.»

— «Muito bem, nosso querido amado galo!»

Naquele dia, mal, na capoeira, sentiram passos no jardim, sem mesmo saber de quem se tratava, oh! ceus!... Foi uma cantoria de ensurdecer!

D. Maria da Graça, que descera ao jardim para colher flores, assustou-se e correu ao galinheiro a certificar-se do que havia de perigo. Nada era mas poude, enfim, levar, sorridente, no cestinho, em vez de flores, meia dúzia de quentinhos ovos, enquanto que as aves se acotovelavam — isto é — azavam-se umas ás outras, rindo pelo engano que tivera o seu muito querido e amado galo.

Deixaram, então, ao tempo, a tarefa da descoberta.

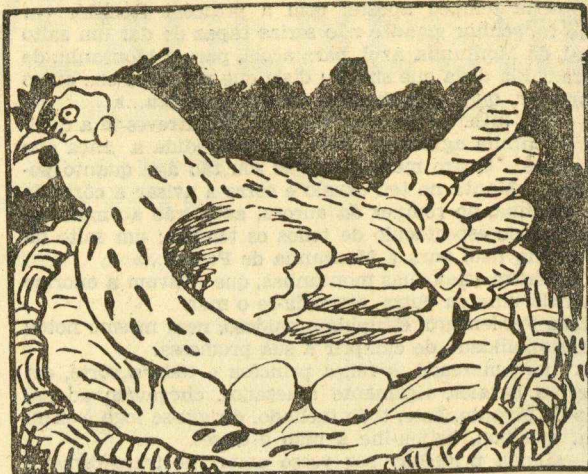
De novo D. Maria da Graça desce, dias depois, ao jardim para colher flores; em seguida a Emilia com as ervas para defumar o galinheiro; apenas D. Maria da Graça cortara uma rosa, sentiu um *tic, tic, tic, tic* precipitado, e viu, reunidos a um canto, todos os galináceos piscando os olhos uns aos outros. Espreitou com cuidado, mas nada poude vêr. Pediu à criada que visse bem no recanto escuro, formado pelo vão da escada e aproveitado somente para o trabalho espinhoso das galinhas, que só dali saíam, orgulhosas, para mostrarem, ao sol, soberbas ninhadas de novinhos.

A Emilia prostrada com o pau da vassoura e a D. Maria da Graça munida com a tesoura das flores, ei-las em posição hostil para atacarem o inimigo. O galo subira para um galho duma árvore para melhor observar e as galinhas, com sorrisinhos de troça, estendiam os pescocitos no desejo de verem a surpresa da caçada, nas duas mulheres!

Já mais afeita ao escuro do recanto, desatou numa gargalhada estridente a criada: — «Vejo, minha senhora, luzir dois olhos brilhantes, duas faces vivamente coloridas, os pulsos e as pernas são de um atleta. Quem será, minha senhora?! Traz a tiracolo a sacola dos livros, na mão um copo, dentro do copo uma colher, um pacotezinho com restos de açúcar, e vejo cascas de quatro ovos!...»

E quantas vezes éle ali não terá estado, de côcoras, esperando que las galinhas acabem de pôr os ovos!...

Foi então que D. Maria da Graça, em vez de rosas, levou, por entre os dedos, uma orelha, e, já lá em cima!



aplicou fortemente tonificada uma «cataplasma de açoites» em certo sítio para que a doença se não tornasse crónica—

No galinheiro as galinhas diziam: — «O que lembra a rapazes não lembra ao diabo!...»

... ..

Conto esta verídica história, passada com um menino, hoje aluno das Belas Artes, já no curso superior, que nunca mais se esqueceu de que toda a má acção é punida, embora Deus não diga quando. Nada neste mundo há que se não chegue a saber!

F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM Concursos

Charadísticos

SECÇÃO RECREATIVA

Número 2 — 1.º Concurso

Nota: — Tôda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Américo Taborda (Rei do Sébo)* — «PIM-PAM-PUM» — Rua do Século, 43 — LISBOA.

CHARADAS EM VERSO

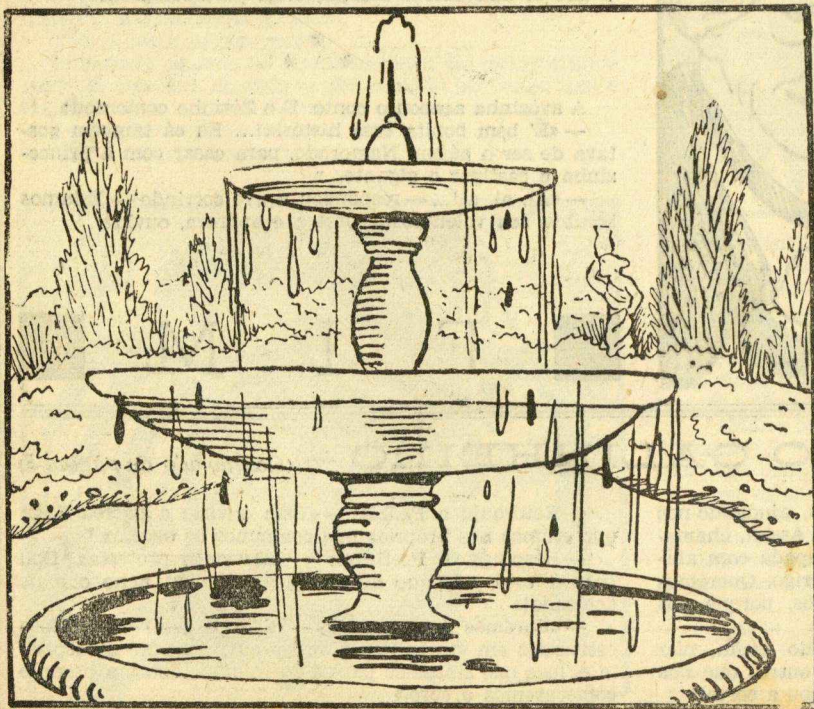
- 1) Por causa da grande molha — 2
Causaste-me sofrimento, — 1
Mas para a outra vez — olha! —
Pega no «vaso» com tento!

Bata Loura

CHARADAS SINCOPADAS

- 2) Oh! caro amigo, está quieto. — 3
3) Esta «mulher» é portuguesa — 3
Setúbal — Béu
- 4) Em troca deste «alimento» recebi
uma vestimenta — 3
5) Junto ao açude a mulher ora com
fervor — 3

Setúbal — Lucas



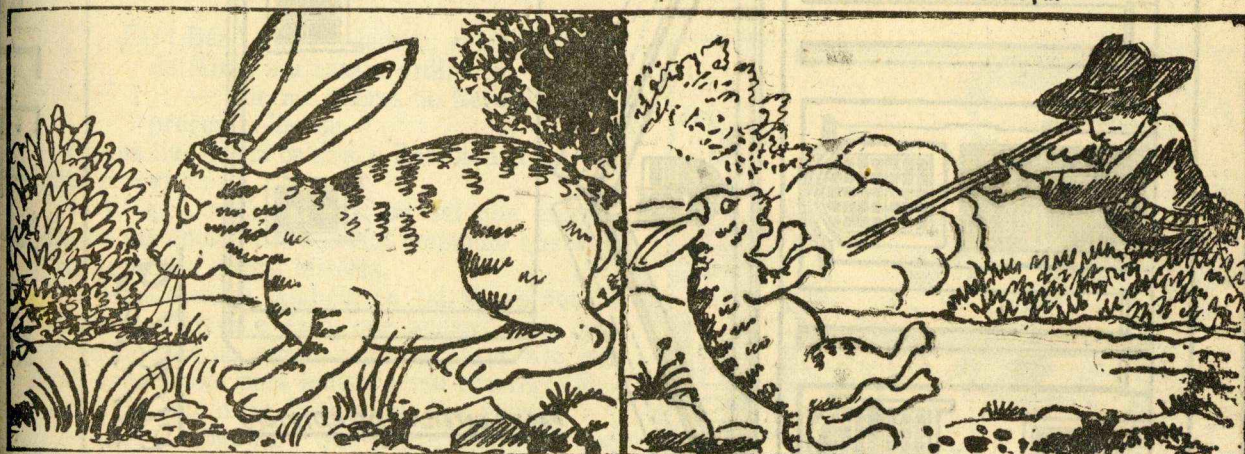
QUEM NÃO QUERE SER LOBO ...



Meninos: — Era uma vez um certo gato maltês que numa escola vivia. O gato, quando saía para o campo, vendo lebre, todo se enchia de febre no desejo de a comer.

Então, o gatinho ao ver que as lebres e coelhinhos saltavam tão ligeirinhos que os não podia alcançar, resolveu-se mascarar, mascarar-se de coelho. Vai direitinho ao espelho

da escola e entia, casmurro, as orelhitas de burro, que os meninos, mandriões quando davam más lições, enfiavam na cabeça.



Com elas, a toda a pressa, se dirige, todo lampo, aos saltinhos para o campo, convencido de que, assim, conseguiria o seu fim.

Mas como a sua intenção era má, o figurão tem o prémio que merece... Um caçador aparece...

E não lhes digo mais nada.

Eis a história terminada:

— Meninos: — era uma vez um certo gato maltês!

6) Recebi o «jornal» sem avença — 3
Oeste — Livramento — Nela

7) Leva um recado ao camando militar — 5

Portalegre — Sir Mistério

ELÉCTRICA

8) S.O.S.! S.O.S.! S.O.S.!

Emoção geral...

Depressa! Côrram! Prestem auxílio àquele território africano...

— 2

Tomar — A. Seravato

COMBINADA

9) + me = Denominação

+ ra = Epoca

+ ra = Intento

+ gir = Obrar

Conceito: «Mulher»

Lisboa — Zé Manel

EM LOSANGO

10)

Sequência de letras em losango:

```

* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *

```

Consoante
Indignação
«Parente»
Desejo
Vogal

Leiria — Ramon Novarro

PREGUNTA ENIGMATICA

11) Qual é a terra portuguesa que serve para fechar e abrir?

Medelim — António Freire

Chamamos a atenção dos concorrentes para os erros que se verificaram quando da saída do Regulamento desta secção e que escaparam,

a-pesar da nossa boa vontade e metódica revisão.

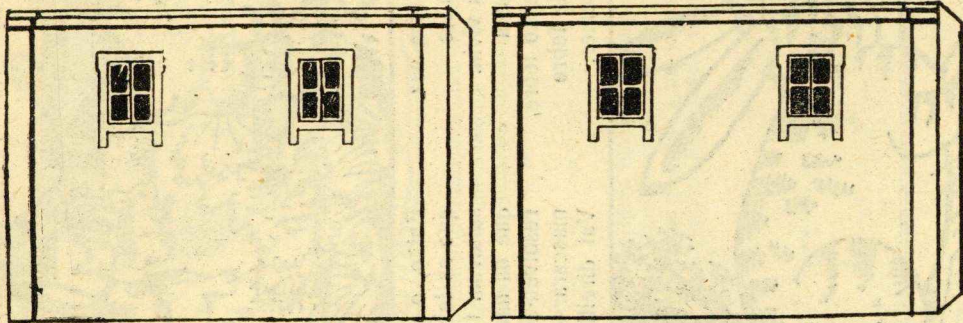
Ei-los;

No cap. III, primeira linha, onde se lê: Quadros de Distinção, leia-se: Quadro de Distinção; onde se lê: Quadros de Honra para a decifração de maior número de pontos, leia-se: Quadro de Honra para o decifrador de maior número de pontos.

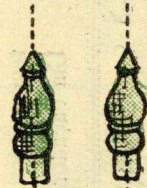
No cap. VI, que nos elucida sobre a distribuição dos prémios, diz-se serem estes atribuídos aos 5 melhores concorrentes, contudo os premiados serão em número de 4, pois, como se verifica, são detentores desses prémios os dois campeões e sub-campeões, referentes a Produtores e Decifradores.

Na «Coluna dos fortes» serão dois os premiados em virtude de se apresentarem dois campeões.

6ª Fôlha: **PAÇOS DO
CONCELHO**

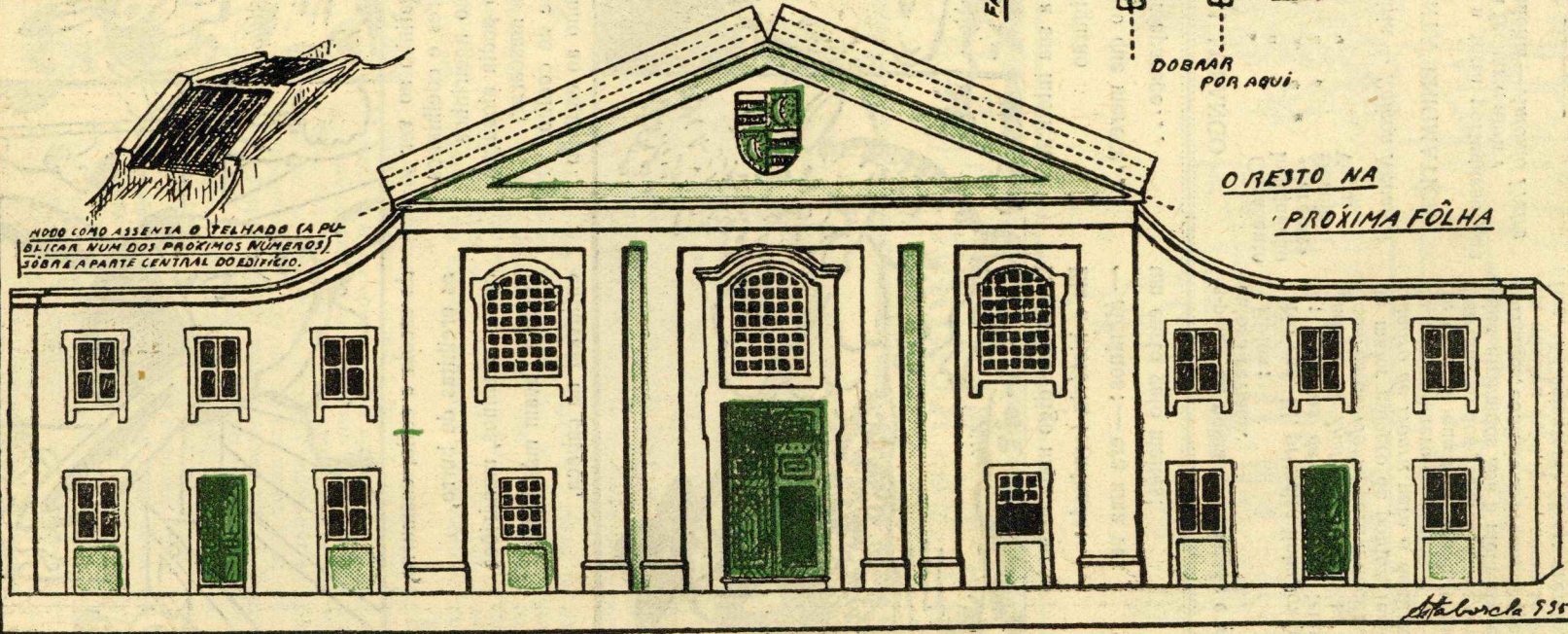


FACES LATERAIS DO EDIFÍCIO



COLOCAR ESTAS PEÇAS
NOS EXTREMOS SUPERIO-
RES DA FACHADA PRINCIPAL.

DOBRAR
POR AQUI



ASSIM COMO ASSENTA O TELHADO (A PUBLICAR NUM DOS PRÓXIMOS NÚMEROS),
SOBRE A PARTE CENTRAL DO EDIFÍCIO.

O RESTO NA
PRÓXIMA FÔLHA

Est. Lavoura 535

Ed. Lavoura